

**ESTRUTURA, PROCESSO E FUNÇÃO PRESENTES NA FORMAÇÃO DA  
PAISAGEM DO SETOR NOROESTE EM ARAGUAÍNA-TO**

**STRUCTURE, PROCESS AND FUNCTION OF NORTHWEST SECTOR  
LANDSCAPE FORMATION IN ARAGUAÍNA-TO**

Aires José Pereira.  
Professor Doutor Adjunto II do colegiado de Geografia da UFT - Campus de  
Araguaína.  
airesuft@gmail.com

Delismar Palmeira Costa.  
Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins  
delismarcosta@gmail.com

**RESUMO**

Este texto visa contribuir para o avanço das reflexões acerca da análise da categoria geográfica paisagem de um modo geral, ou seja, como a paisagem pode ser fonte de desmistificação das categorias de análise do espaço: estrutura, processo, função e, sobretudo do modo de produção capitalista que por sua vez influencia diretamente no comportamento da sociedade de modo genérico. Assim, o que se pretende é discutir através de bases conceituais de diversos autores como estes aspectos imateriais determinam a parte visível do espaço, a paisagem.

**Palavras-Chave:** Paisagem, Estrutura, Processo, Função, Modo de Produção Capitalista.

**ABSTRACT**

This text aims to contribute for the progress of reflections on the analysis of the geographical landscape category in general, that is, how the landscape can be a source of demystification of the analysis categories of space: structure, process, function, and above all, the way how the capitalist productive process, in its turn, directly influences the behavior of society in general terms. Thus, the aim is to discuss, through conceptual foundations of several authors, how these immaterial aspects determine the visible part of the space, the landscape.

**Keywords:** Landscape, Structure, Process, Function, Capitalist Productive Process.

## **INTRODUÇÃO**

Os estudos relacionados à paisagem são de grande valia para uma análise não pseudônima da realidade com a qual nos deparamos em nosso cotidiano ou mesmo daquelas verificadas fora dele. Assim, fica claro que as formas espaciais podem ser fontes de grande descobertas se forem investigadas de forma minuciosa, ou seja, de uma maneira que se leve em conta a imaterialidade por traz de sua origem, aquilo que de fato lhe determina, lhe dá forma e temporalidade.

Convenhamos aqui e ao longo do texto que a paisagem por si só não explica nada, mas, todavia, “a paisagem não é muda” (SANTOS, 2009, p. 35). Alguns elementos podem ser notados nos arranjos espaciais que o pesquisador ao focar sua vista já pode de início deduzir a sua estrutura e função daquele dado momento.

Mas neste texto não queremos realçar este aspecto, mais sim, como as forças imateriais influenciam na gênese, na presença, na readequação e na extinção das formas. As mudanças no quadro social são de grande importância, sobretudo em dias atuais quando vivemos o advento do sistema capitalista, tais mudanças sejam elas no consumo, na moda, nos hábitos alimentícios etc., repercutem diretamente em como as estruturas vão reajustar a paisagem ou mesmo construí-la.

Daí a preocupação por uma análise que leve em conta estes aspectos temporais, funcionais e estruturais, uma vez que “o espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem tivessem uma vida própria, podendo assim explicar-se por si mesmos” (SANTOS, 2006, p. 105). Sendo a materialidade por suas limitações incapaz de nos oferecer uma explicação lógica e nem tão pouco verdadeira do espaço.

## **A PRODUÇÃO DO ESPAÇO PELO HOMEM**

Partindo da ótica possibilista temos o ser humano como sujeito ativo em relação ao meio e o último oferecendo as mais diferentes possibilidades e condições ao primeiro. Sendo agora o ser humano influenciado e não fantochado pelo meio físico, deste modo às ações antrópicas vão se constituindo ao longo da história de acordo com as possibilidades que a natureza oferece às sociedades.

Em critérios evolutivos o ser humano fora o que mais evoluíra, uma vez que “de todos os seres vivos, é o homem o mais adaptável às condições do meio físico, que

de resto ele pode muitas vezes modificar profundamente a seu favor e no sentido de sua própria organização fisiológica e psíquica” (AZAMBUJA, 1993, p. 45). O homem por sua racionalidade pode quase sempre se adaptar às especificidades do meio físico subordinando-o às suas vontades.

A sociedade começou a produzir o espaço a partir do momento em que deixou de ser nômade e fixou-se em um dado lugar. A agricultura é a ação pioneira no que diz respeito à produção do espaço, pois foi ela quem possibilitou o surgimento das primeiras cidades graças ao superávit de sua produção, podendo assim algumas pessoas ocupar-se de outras funções a não ser a lavra da terra e assim dar origem aos primeiros núcleos urbanos abastecidos por essa produção excedente, segundo Dollfus (1991).

O trabalho é o elemento chave neste contexto, pois possibilita ao homem a capacidade de produzir e de se reproduzir enquanto indivíduo e de forma coletiva, uma vez que “o trabalho é a aplicação, sobre a natureza, da energia do homem, diretamente ou como prolongamento de seu corpo através de dispositivos mecânicos, no propósito de reproduzir a sua vida e a do grupo” (SANTOS, 1997, p. 87). Reprodução essa pautada na necessidade de produção de alimentos principalmente.

Ao passo que o ser humano produzia os produtos agrícolas de forma excedente ele também produzia a cidade, pois “[...] o ato de produzir é, ao mesmo tempo, o ato de produzir o espaço” (SANTOS, 2008b, p. 203). Apropriando-se e desfrutando da natureza e suprimindo suas necessidades individuais e/ou do grupo.

A partir deste momento a natureza passa ser vista como fonte de recursos e o ser humano como elemento dependente e modificador da mesma, usufruindo largamente de seus recursos. Lembrando-se que um recurso só pode ser considerado útil de acordo com o nível de desenvolvimento técnico de uma dada sociedade, segundo Dollfus (1991). A técnica então assume neste momento da humanidade uma importância jamais vista, pois contribui assiduamente na produção do espaço sendo ela a mediadora nessa relação homem-natureza, ainda que seja ela própria um meio, segundo Santos (2006).

De agora em diante “o ser humano, não se entendendo mais como parte da natureza, mas sobre esta, domesticou-a e modificou-a, frente às suas ilimitadas necessidades. A natureza, desta feita, dessacraliza-se, expõe-se como recurso ilimitado e mercantiliza-se” (SEABRA, 2005, p. 160). As ações antrópicas passam a serem feitas de modo hegemônico em relação ao meio sendo o homem soberano e detentor do poder de mutação, qualificando e atribuindo valor ao meio ambiente.

Não se pode esquecer que essas ações até agora mencionadas foram desenvolvidas em conjunto, sendo elas também fruto da relação homem-homem, já que “o fato de o homem viver da natureza tem um sentido biológico, mas, principalmente, social” (BERNARDES e FERREIRA, 2005, p. 19). Dessa forma, o homem se organiza de uma forma social e divide o seu trabalho de forma racional para uma melhor apropriação dos recursos naturais para si e para o todo social.

Nesse ato de produção o homem desenvolve os fluxos e também os fixos para facilitarem suas atividades, sendo a primeira natureza coberta por uma segunda (espaço), que corrige as deficiências da primeira que é para o ser humano sempre incompleta. E o homem muda-se e muda também o meio, pois os instrumentos deixam de ser extensões do corpo para serem extensões da própria natureza, segundo Santos (2008b).

Ou como Santos (2008c, p. 69), nos diz que “o meio ambiente construído diferencia-se pela carga maior ou menor de ciência, tecnologia e informação, segundo as regiões e lugares: o artifício tende a sobrepor-se à natureza e a substituí-la”. Sendo a segunda natureza carregada de ciência e de intencionalidade, a partir de agora o espontâneo foi deixado de lado dando lugar à era do planejamento e do aperfeiçoamento técnico.

Os fixos são aqui os que mais nos interessam nesse estudo, mas, sobretudo o que de fato determina-los e funcionaliza-los. Fruto dessa grande interação homem-natureza a paisagem é a aparência visível do espaço, segundo Dollfus (1991), e sendo as paisagens organizadas deste mesmo autor o *locus* de nossa pesquisa, pois estão incluídos nesse conceito as cidades e agricultura planejada do campo que são elementos que se cristalizam em um dado momento da história do ser humano e de seu modo de produção.

## **ESTRUTURA, PROCESSO E FUNÇÃO NA FORMAÇÃO DAS PAISAGENS**

Quando se fala de paisagem deve se levar em conta, que “[...] todo elemento do espaço e toda forma de paisagem constituem fenômenos únicos que jamais podem ser encontrados exatamente iguais em outros locais ou em outros momentos” (DOLLFUS, 1991, p. 9). Deste modo levaremos em conta sempre a singularidade do lugar e como ele se comporta diante dos fenômenos de ordem produtiva dos dias atuais.

Outro ponto relevante no que diz respeito ao estudo da paisagem e suas determinantes se referem às rugosidades presentes na constituição da mesma, elas podem servir de base para muitas conclusões desde análise do grau de evolução técnica de uma dada sociedade ao longo do tempo ou mesmo para estudos que levem em conta os aspectos culturais da cristalização de um momento de algum grupo.

Estudar a paisagem à luz de processos imateriais é uma tarefa interessante principalmente em dias atuais, pois daí podem ser tiradas algumas conclusões e desmistificações do modo de produção capitalista, difundido pelo meio técnico-científico-informacional. Pois como nos alerta Trindade Jr (2001, p. 139), que “a paisagem, contudo, não consegue dar conta da totalidade do espaço porque, ainda que seja expressão materializada das relações que produzem o espaço, revela apenas um momento”.

Devemos buscar uma análise que veja além, ou como nos instiga Santos (1997, p. 62), dizendo que a “nossa tarefa é a de ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar ao seu significado”. Tarefa essa que perpassa principalmente pela análise do sistema produtivo em vigor no momento, pois é ele que determina como a sociedade se comporta e se reproduz.

Daí a preocupação por uma investigação minuciosa, deve-se analisar como as estruturas dentro de suas atuações influenciam na constituição desta parte visível do espaço, como a função de uma dada forma contribui para a formação do aspecto da mesma e como o processo (tempo) concorre para a permanência, adequação, extinção e coexistência das formas em um dado momento.

Assim concordamos com Trindade Jr quando diz que:

Apesar de serem governadas pelo presente, as formas contém também um pouco do passado, pois surgem dotadas de certos contornos historicamente contextualizadas. Cada forma possui uma significação social. Frequentemente, a forma permanece após ser criada e usada para desempenhar o papel para o qual foi produzida. Poderá ela, no entanto, assumir outros papéis em momentos históricos diferentes. Sua destruição ou seu desaparecimento não é imediato e, às vezes, torna-se não só indesejável como dispendioso, ou até mesmo impossível (TRINDADE JR, 2001 p. 133-134).

É de fundamental importância à análise social dos fatos, verificar como a sociedade determina as mudanças de seus objetos, por quais necessidades e/ou por quais finalidades, já que as formas são o espelho dessas mudanças sociais, ou seja, dessas metamorfoses que são antes de tudo perceptíveis a olho nu.

Isso nos leva a crer que o estudo das formas (paisagem) sem uma correlação com as demais categorias de análise seria algo totalmente falho e incompleto, já que elas “são elementos que interagem dialeticamente para produzir e moldar o espaço” (TRINDADE JR, 2001, p. 135). Moldagem essa que possibilita a existência das relações sociais e principalmente em dias atuais concorre para a acumulação do capital hegemônico, ou seja, para o funcionamento e manutenção do modo capitalista de produção.

## **O PROCESSO COMO BASE DE INTERAÇÃO**

Partindo destes pressupostos podemos afirmar a importância do processo na formação das paisagens, nas palavras de Santos (2008a, p. 73) “o tempo (processo) é uma propriedade fundamental na relação entre forma, função e estrutura, pois é ele que indica o movimento do passado ao presente”. Movimento este que metamorfoseia as demais categorias de modo a contribuir também para a formação deste aspecto visível do espaço que percebemos e com o qual nos comunicamos.

As formas são elementos que presenciam as transformações que a sociedade de um modo geral sofre no decorrer de sua história graças à ação do tempo. Outro motivo que as tornam sempre presentes nestas fases da sociedade é o de que “as formas espaciais são resistentes à mudança social e uma das razões disso está em que elas são antes de tudo matéria” (SANTOS, 2008b, p. 187). O fato de ser matéria torna formas passivas de serem modificadas apenas o seu conteúdo sem modificações em sua forma física propriamente dita.

O tempo ajuda-nos a compreender como as coisas se ordenam, mantêm-se e transitam de tempos em tempos. A técnica serve de base para isso, pois ela é de fato responsável pela empiricização do tempo, segundo Santos (2006), empiricização essa percebida, mantida e modificada pelos os homens no tempo passado e presente.

O estudo da técnica conjuga-se com o do tempo e com o das condições imateriais, servindo para facilitar o andamento de qualquer análise, pois eles são acima de tudo fatores históricos polimerizados a uma existência material que sentimos no nosso dia-a-dia. Como diz Santos (2006, p. 48) que:

Na realidade, toda técnica é história embutida. Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a

chegada desses objetos e presidiram à sua operação. A técnica é tempo congelado e revela uma história.

Ou como nos fala mais claramente Pereira (2013, p. 41) que:

É preciso utilizar a ciência a que se está trabalhando (seja ela Geografia, Arquitetura e Urbanismo, Sociologia, Antropologia, Etnografia, etc.), mas, também, levar em consideração o “*mundo*” imaginário de quem construiu essa paisagem ora estudada. Esse mundo “*imaginário*” de quem construiu esta ou aquela paisagem, como já afirmamos anteriormente, depende do mundo de suas técnicas, sua economia, sua cultura (aí podemos elencar várias manifestações culturais que compõe este cenário estudado, incluindo a ideologia dominante e também a ideologia dominada – mesmo porque há confrontos ideológicos na produção do espaço geográfico – crenças religiosas etc.), sua ética, estética e, principalmente, de sua sociabilidade.

Sendo assim, é fácil concordar com Santos (2008b), quando ele nos fala do espaço como acumulação desigual de tempos, que por sinal justifica-se claramente nos aspectos paisagísticos de um dado lugar. Tal acumulação só é possível graças à mediação do tempo que possibilita a permanência de alguns elementos do passado no mesmo instante em que surgem outros novos para suprir uma nova demanda, contribuindo assim para a dialética entre espaço e sociedade. Sendo deste modo, o momento passado morto como tempo, mas vivo como espaço, segundo Santos (2009).

Doravante, é possível até mesmo datar a idade de um dado lugar através da paisagem e de seus componentes técnicos, já que:

A materialidade artificial pode ser datada, exatamente, por intermédio das técnicas: técnicas da produção, do transporte, da comunicação, do dinheiro, do controle, da política e, também, técnicas da sociabilidade e da subjetividade. As técnicas são um fenômeno histórico. Por isso, é possível identificar o momento de sua origem. Essa datação é tanto possível para a escala de um lugar como para a escala do mundo. Ela também é possível para escala de um país, ao considerarmos o território como um conjunto de lugares (SANTOS, 2006, p. 57).

O tempo é então esse elemento transitório que reúne em um dado momento, sobretudo no presente, formações de várias épocas, pois a paisagem é de fato a acumulação da atividade de várias gerações ao longo do tempo histórico, segundo Santos (2009), paisagem essa cristalizada em formas organizadas para desempenharem uma função atual no momento atual mesmo que sendo construídas em um tempo pretérito.

Sendo assim, “a noção de tempo é fundamental. A sociedade é atual, mas a paisagem, pelas suas formas, é composta de atualidades de hoje e do passado” (SANTOS, 2009, p. 56). Doravante o processo passa a ser o ator de mediação entre o

passado, presente e o futuro, unindo os objetos do pretérito aos do presente e funcionalizando-os visando o futuro.

O processo é uma realidade que apesar de sua subjetividade pode ser percebida através das mudanças ocorridas no espaço: ressignificações, extinções e construções. Tais mudanças podem ser de origem cultural, estatal, produtiva ou ideológica, que vão aos poucos rearranjando o espaço e nos dando a configuração percebida no momento presente.

Assim, admite-se que a relação espaço-tempo é de fundamental importância para a observância da realidade que nos cerca, pois como nos fala Santos (2006), que o espaço e o tempo têm de serem vistos como um só metamorfoseando-se um no outro, em todas as condições da vida cotidiana. Há então uma dialética entre tempo e espaço que por sinal determina toda a realidade material e imaterial do mundo.

### **AS FORMAS E SUA DIALÉTICA COM A FUNÇÃO E A ESTRUTURA**

Quando se é estudada um dado conjunto de formas (paisagem) deve-se levar em conta o fato de que ela é algo estático, mas com uma finalidade de oferecer mobilidade aos seus criadores. Sendo o espaço o portador desse movimento que funcionaliza as formas e as significam formando os dois, espaço e paisagem, um par dialético, segundo Santos (1997).

Forma e função são duas categorias unidas de forma consubstancial, pois “a relação entre as duas é direta, posto que uma não existe sem a outra” (TRINDADE JR, 2001, p. 134). Tal fato faz da análise uma busca por uma explicação da materialidade através da investigação atenta da imaterialidade, já que “as funções estão materializadas nas formas e estas últimas são criadas a partir de uma ou de várias funções” (TRINDADE JR, 2001, p. 134).

Outro elemento importante é a estrutura, que é a base motora da forma e da função, sendo impossível a sua dissociação das duas últimas, segundo Trindade Jr (2001). A estrutura é como nos afirma Trindade Jr (2001, p. 134) “a inter-relação das diversas partes que compõem o todo social”. A estrutura econômica é a mais visível aos nossos olhos, pois insere o espaço geográfico no modo de produção capitalista e assim influencia diretamente nas demais estruturas.

Desse modo concordamos com Santos quando ele nos fala da inseparabilidade destas três categorias, dizendo que:



Ao separar-se estrutura e função chega-se ou a um estruturalismo a-histórico e formal ou a um funcionalismo prisioneiro do caráter conservador de toda instituição, com o que se abandona o problema da transformação. Se se considera apenas a forma, cai-se no empirismo. Por outro lado, não é suficiente combinar estrutura e forma ou função e forma. No primeiro caso, equivaleria a supor uma relação sem mediação; no segundo, uma mediação sem causa motora. Em realidade nenhuma dessas três categorias existe separadamente e apenas sua utilização combinada pode restituir-nos em seu movimento (SANTOS, 2009, p. 55-56).

Por isso, a paisagem não deve ser dissociada dos elementos imateriais que a operacionaliza, caso isso ocorresse tornaria a análise um mero ato de descrição sem fundamento e sem a busca do porquê e do para quê as formas são organizadas e construídas em um dado local e em um dado momento histórico.

A dialética aí presente faz com que o espaço seja moldado a todo tempo, inclusive no presente, e que possa ser ressignificado ou mesmo reconstruído. Forma, estrutura e função são juntas as grandes responsáveis pelas mutações do espaço e de sua aparência, agindo de forma solidária e complementar uma em relação às outras.

O aspecto da forma depende da função que ela exerce e/ou exercerá em um dado momento, a função por sua vez depende de uma estrutura que lhe forneça subsídios para sua atuação e permanência. Função e estrutura, porém não existiriam sem a forma, já que a base material nesse caso é de grande importância para o funcionamento das mesmas, que são desse modo hospedes nas formas; formas estas intencionalmente criadas.

## **O ESTADO COMO AGENTE PRODUTOR DO ESPAÇO E DA PAISAGEM**

O estado é a estrutura responsável pela normatização espacial, suas atribuições lhe garante modificar também os arranjos do espaço. Sendo ele um dos agentes que produzem o espaço urbano juntamente com os proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, promotores imobiliários e grupos sociais excluídos, segundo Corrêa (1995). Devido às suas funções ele é o garantidor de boa parte das ações dos outros agentes.

As atribuições do estado são sentidas e notadas pelas pessoas, pois são elas refletidas em formas tocáveis e visíveis, ou como diz Corrêa (1995, p. 24) que:

[...] é através da implantação de serviços públicos, como sistema viário, calçamento, água, esgoto, iluminação, parques, coleta de lixo etc., interessantes tanto às empresas como à população em geral, que a atuação do Estado se faz de modo corrente e esperado.

Tais implantações são notáveis e às vezes se tornam paisagem concomitantemente a objetos oriundos de outras estruturas.

Outra questão diz respeito às ações imateriais feitas pelo estado, tais como “a elaboração de leis e normas vinculadas ao uso do solo, entre outras as normas do zoneamento e o código de obras [...]” (Corrêa, 1995, p. 24). Atitudes estas que influenciam diretamente na formação do conjunto de formas da cidade, sejam nas áreas centrais ou em arrabaldes, uma vez que o estado tem a capacidade de abranger o todo do espaço urbano.

Assim, a estrutura estatal pode ser considerada como uma das grandes asseguradora da aplicação da “coordenada de sequência” de Kluber apud Santos (2006), já que as infraestruturas e serviços do estado possibilitam que novas formas espaciais possam se estabelecer e funcionalizadas, sob as mais diversas estruturas, tais como casas, supermercados, igrejas, hotéis etc., que são precedidos de asfalto, saneamento básico, galeria de águas fluviais de responsabilidade do estado.

O estado como nos fala Corrêa (1995), pode também neste mesmo contexto atuar de uma forma racional de modo a criar as condições para que a sociedade capitalista possa se reproduzir e viabilizar o processo de acumulação do capital. Isso pode ser notado desde a construção de vias para tráfego até a normatização do espaço que de um modo geral sempre beneficiam as classes sociais mais abastadas detentoras dos meios de produção.

Em se tratando de um quadro nacional concordamos com Santos (2008c), quando ele nos fala que as firmas hegemônicas, nacionais e estrangeiras comandam todo o território com o aval e apoio do estado. Apoio este que concorre para a formação de novos arranjos espaciais, tais como estradas de rodagem, linhas de energia, distritos industriais, estruturas voltadas para o comércio etc., isso tudo contribui para formação da paisagem espacial deste momento da história de um modo geral.

Em nossa realidade local o estado teve uma parcela de contribuição bem significativa na formação da paisagem. Desde a consolidação de projetos de ocupação do Cerrado e da Amazônia Legal, da construção da BR-153 e fragmentação do estado de Goiás para criação do estado do Tocantins, segundo Pereira (2013), sendo assim, pode-se afirmar que a estrutura estatal teve uma atuação de grande valia para a implantação das formas espaciais em nossa região.

## A PRESENÇA DO ESTADO NAS FORMAS ESPACIAIS DO SETOR NOROESTE EM ARAGUAÍNA-TO

O setor Noroeste é fruto do crescimento urbano do final da década 1970 e início da década de 1980 sofrido pela cidade de Araguaína, nele houve a ação de vários agentes de produção do espaço urbano com a cooperação do estado. De fato algumas infraestruturas de responsabilidade estatal só vieram a ser instaladas tempos depois, nada que diminua a sua atuação, pois quando o estado não age de forma material, age então de forma imaterial através de leis, parâmetros, coleta etc.

A Fotografia: 1 não mostra apenas uma forma proveniente da estrutura estatal, mas também demonstra a capacidade que o estado tem de refuncionalizar as formas em um contexto atual. Aí vemos a ação do poder público municipal visando através deste órgão à sociabilização das pessoas deficientes, sobretudo aquelas com deficiência física locomotora. Temos a estrutura do estado subsidiando uma forma com função socializadora de uma minoria que existe.

Fotografia 1: Centro de apoio às pessoas com deficiência



Fonte: Delismar Palmeira Costa

O estado insere suas formas dentro de um conjunto de formas pré-existentes ou mesmo pós-existentes, sendo essa estrutura produtora assídua do espaço urbano. Essa produção pode ser de forma nova ou mesmo sobre uma materialidade já existente, pois na cidade o trabalho pode não incidir mais sobre a natureza propriamente dita, mas sim sobre o próprio trabalho, segundo Santos (2006).

Fotografia 2: Colégio Estadual Jorge Amado



Fonte: Delismar Palmeira Costa

A escola (Fotografia 2) é uma instituição com uma função social e que tem em sua base o estado, mas, é ao mesmo tempo uma conquista do povo, já que “o processo educativo, onde quer que se dê, é sempre contextualizado social e politicamente; há subordinação à sociedade que lhe fez exigência, lhe determina objetivos e lhe provê condições e meios de ação” (LIBÂNEO, 1991, p.18). Tal fato faz dessa forma demonstrada algo bastante significativo, pois foi exigida pela sociedade à outra estrutura, que pela suas atribuições tem o dever de prover as pessoas com essa forma e função social.

O estado é o grande responsável por subsidiar a população de benefícios sociais, seja através de políticas públicas ou de equipamentos urbanos. Só normatizar não seria o suficiente, pois aí estaria à população totalmente a mercê das empresas hegemônicas, por isso, o estado sendo o arrecadador mó dos tributos da população tem o dever de supri-la e atendê-la com as infraestruturas adequadas para as funções de interesse social, a escola neste caso é um bom exemplo disso.

No que diz respeito às praças podemos afirmar que são elementos paisagísticos que têm por finalidade servir aos moradores como ponto de encontro para o consumo e lazer. Tal lazer faz parte dos direitos difusos que são lembrados por se referirem ao interesse de uma coletividade, sendo eles então direitos humanos de terceira geração. Pereira (2013, p. 158), debate sobre a Praça do Setor Noroeste (Fotografia 3) dizendo que “O local é lugar para seus moradores. Quer dizer, ali é onde as pessoas que trabalham durante o dia se encontram no final de tarde e início de noite”.

Fotografia 3: Praça do Setor Noroeste



Fonte: Delismar Palmeira Costa

Assim, fica claro que a estrutura estatal é de grande relevância no estudo da paisagem, de forma mais específica a do Setor Noroeste, pois age de forma imaterial, notável na organização dos objetos pela forma como eles são normatizados e também de modo material, palpável pelo fato de ser a matéria propriamente dita como no caso da escola, da praça e da associação de apoio às pessoas com deficiência.

### **AS RELAÇÕES CAPITALISTAS E AS CLASSES SOCIAIS COMO AGENTES FORMADORES DA PAISAGEM NO SETOR NOROESTE**

O modo de produção capitalista busca de forma veemente a homogeneização dos lugares para que assim possa difundir o processo de acumulação do capital. Essa busca pela homogeneização se faz principalmente pelo consumo, os lugares se adequam para receberem as marcas, serviços e informações das empresas hegemônicas, já que “nas condições da economia atual, é praticamente inexistente um lugar em que toda a produção local seja localmente consumida ou, vice-versa [...]” (SANTOS, 2008c, p. 61).

Fotografia 4: Atacadão Baratão do Setor Noroeste



Fonte: Delismar Palmeira Costa

Sendo assim, “[...] as infraestruturas presentes em cada lugar encontram, em grande parte, explicações e justificativa em fora do lugar” (SANTOS, 2008c, p. 61). Tal fato faz das formas oriundas das relações capitalistas algo quase sempre ligado a uma racionalidade de origem proveniente de outros lugares, sejam eles localizados no território nacional ou mesmo fora do país.

O comércio (Fotografia 4) é, pois um dos grandes responsáveis pela difusão do modo de produção capitalista, sobretudo por que é ele o responsável pela última fase do processo de produção, o consumo. Tal consumo de início se fazia de forma rudimentar mais com o passar do tempo foi se adequando às novas demandas e assim se ajustando também de forma material, perfeitamente notável na paisagem anterior.

O fato de o supermercado da Fotografia 4 está localizada nesse bairro não faz do Atacadão uma forma responsável apenas por suprir as necessidades das pessoas daquela região, pois caso fosse assim seria até mesmo inviável o mantimento desse prédio. A sua localização é estratégica, já que “o processo produtivo reúne aspectos técnicos e aspectos políticos” (SANTOS, 2005, p. 94). Isso verdadeiramente faz parte da logística do sistema, a Rua Ademar Vicente Ferreira é uma das mais movimentadas do Setor Noroeste e faz ligação direta com o centro da cidade dando assim racionalidade à localização da forma.

Muitas vezes as classes sociais formam um novo padrão de vida que se verifica nas formas e, por conseguinte no grau de técnica aplicado nela, mas neste caso anterior há uma mescla entre a função de habitar com a estrutura econômica, uma vez que a metamorfose do uso do solo na cidade capitalista decorre das necessidades do processo de acumulação e também pela necessidade de reprodução das classes sociais, segundo M. C. Santos apud Trindade Jr (2001).



Fotografia 5: Residencial Portinari



Fonte: Delismar Palmeira Costa

O grau técnico presente na Fotografia 5 leva a crer que tal edificação é destinada a atender uma clientela abastada de alto poder aquisitivo, mas, todavia, “[...] o valor técnico da forma é determinado não a partir da própria forma, mas das necessidades da estrutura donde ela surge [...]” (SANTOS, 2008a, p. 75). No caso anterior o que determinou o modo como fora construído o condomínio não foi o simples fato de ele existir e nem tão pouco o ato de morar.

Fotografia 6: Torre de telecomunicações



Fonte: Delismar Palmeira Costa

Já a Fotografia 6 tem uma função importantíssima para o sistema capitalista, pois agiliza processos que antes eram mais prolongados, tem uma função que serve a todos portadores de aparelhos celulares, notebooks, donos de escritórios etc., assim, se justifica o caráter essencial da informação nos dias atuais tanto para as pessoas comuns quanto para os atores hegemônicos, ou como diria Santos (2005, p. 26) que em dias atuais “cada lugar tem acesso ao acontecer do outro”.

A base material das telecomunicações foi responsável pela juntamente com outros fatores pela constituição do meio técnico-científico-informacional e renovação da materialidade do nosso território, sobretudo a partir da década 1970, segundo Santos e

Silveira (2008). Deste modo conforme Santos e Silveira (2008, p. 74), “a palavra escrita podia, assim, circular com maior velocidade, assegurando certamente um impulso às operações comerciais”.

Assim, pode se considerar que a estrutura econômica e as classes sociais são partes da sociedade que influenciam de modo amplo na constituição da paisagem, no caso do setor noroeste isso pode ser notadas através de seus supermercados, pequenos comércios, padarias, habitações simples, habitações complexas, comércio alimentício etc., que juntos dão uma forma visível ao espaço que vemos no dia-a-dia.

## **AS FORMAS RELIGIOSAS PRESENTES NA PAISAGEM DO SETOR NOROESTE**

A religião tem um papel significativo na formação do espaço, seja ele material ou imaterial. Essas duas formas de ver se mesclam na análise, uma vez que os templos apesar de serem construídos e arquitetados pelos homens pertencem a Deus, segundo Carlos (1992). As formas religiosas tem um importante papel simbólico que dá também a ideia de pertencimento ou de rejeição.

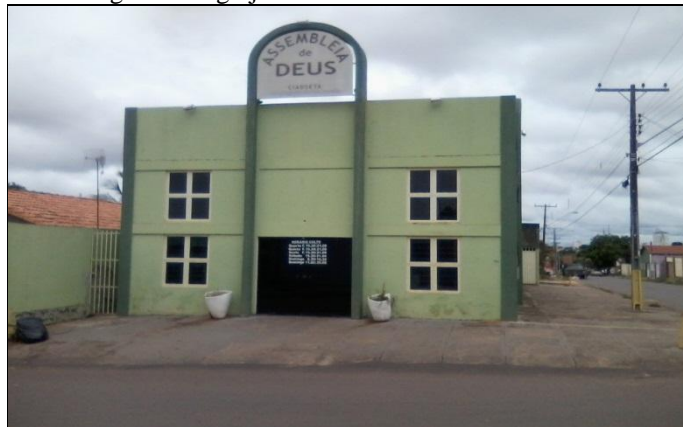
Apesar de sua forte ligação com a sociedade concordamos com Azambuja quando diz que a religião não é algo hegemônico na formação da consciência nacional, uma vez que os “membros de uma mesma nação professam religiões diversas” (1993, p. 21). Muito pelo contrário isso pode até mesmo criar instabilidade e desordem dentro de um dado território nacional.

Todavia, concordamos que “nesse sentido, nas sociedades complexas, a religião seria uma variável pertinente na estruturação das relações sociais” (GIL FILHO, 2008, p. 18-19). Os templos com as suas funcionalidades nos demonstram isso claramente, os encontros para os cultos reúnem todos em um mesmo lugar que de certo modo comungam de um mesmo modo de vida e agir social.

O Setor Noroeste assim como qualquer outro tem uma grande gama de templos religiosos de cunho cristão, desde o segmento católico que iremos mostrar a seguir até às várias subdivisões do protestantismo como o tradicional, tradicional renovado, pentecostal e neopentecostal. As formas oriundas da estrutura religiosa são arranjos espaciais que têm uma função de adoração, baseada em uma estrutura que talvez seja a mais imaterial de todas, sentida apenas no “íntimo” das pessoas que ali se encontram.



Fotografia 7: Igreja Assembleia de Deus



Fonte: Delismar Palmeira Costa

Esses arranjos são sem dúvida os mais difíceis de serem ressignificados, pois abrigam geralmente o espírito aquele que dera os fôlegos de vida àqueles que os construíram e os frequentam, sendo a coleta geralmente por forma de dízimo, o que facilita o mantimento e manutenção periódica destes e conseqüentemente a sua permanência por varias gerações, já que a religião é algo passado de pais para filhos, a igrejas cristãs são um bom exemplo disso.

Fotografia 8: Paróquia Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Delismar Palmeira Costa

Sendo assim, fica claro o grande papel das religiões de um modo geral para a construção do espaço simbólico de um dado lugar, simbologia essa refletida em formas espaciais que por sua vez fazem parte deste grande mosaico de formas que é o espaço geográfico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo ficou claro como a paisagem tem muito a nos dizer, ou como nos falara Milton Santos que de fato ela não é muda. Estrutura, processo e função são juntos os grandes determinadores da localização, da implantação, da readequação, da extinção ou mesmo da ressignificação das formas inseridas na paisagem.

Assim, fica claro que a paisagem tem uma base de existência material, mas, só a materialidade por si só não explicaria quase nada, a base imaterial é de grande valia para uma análise apurada das questões aqui debatidas. Principalmente em dias atuais em que vivemos o auge do meio técnico-científico-informacional que busca de todos os modos racionalizar os lugares ao seu modo, adequando-os aos seus interesses e isso, por conseguinte influencia diretamente nas demais estruturas que formam o espaço geográfico.

De todo modo às ações humanas de hoje e de antes dependem desses objetos que foram criados com as mesmas funcionalidades de hoje ou com ressignificação já imposta. A noção do que é o espaço geográfico é desse modo completa em relação à dos sociólogos, justamente pelo fato de envolvem também a materialidade do lugar, segundo Santos (2006). A materialidade esta que é o palco das ações humanas, por isso deve ter destaque e deve ser investigada não somente pelas suas formas mais também o que de fato a determina.

Assim, comprova-se a teoria de Milton Santos que se refere ao espaço como um conjunto indissociável de sistema de objetos e um sistema de ações. Havendo assim uma clara dependência de um em relação ao outro. Assim, não restam dúvidas da importância da materialidade, que por sua vez se completa com as ações.

## REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Darcy. **Teoria Geral do Estado**. São Paulo: Globo, 1993.

BERNARDES, Júlia.; FERREIRA, Francisco. Sociedade e Natureza. In: CUNHA, Sandra.; GUERRA, Antonio. (Orgs). **A questão ambiental: diferentes abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CARLOS, Ana Fani A. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

DOLLFUS, Olivier. **O Espaço Geográfico**. Tradução: Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991.

GIL FILHO, Sylvio. **Espaço Sagrado**: estudos em geografia da religião. Curitiba: Ibpe, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

PEREIRA, Aires José. **Leitura de Paisagens Urbanas**: Um estudo de Araguaína – TO. Uberlândia: UFU, 2013. (Tese de Doutorado).

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1).

\_\_\_\_\_. **Espaço e Método**. São Paulo: Edusp, 2008a. (Coleção Milton Santos; 12).

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Edusp, 2009. (Coleção Milton Santos; 5).

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2008b. (Coleção Milton Santos; 2).

\_\_\_\_\_. **Por uma Outra Globalização**: do pensamento único à conscientização universal. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. **Técnica, Espaço, Tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional, São Paulo: Edusp, 2008c. (Coleção Milton Santos; 11).

\_\_\_\_\_. SILVEIRA, María. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SEABRA, Lília. Turismo Sustentável: planejamento e gestão. In: CUNHA, Sandra.; GUERRA, Antonio. (Orgs). **A questão ambiental**: diferentes abordagens. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

TRINDADE Jr, Saint-Clair. Estrutura, Processo e Forma: aplicabilidade à análise do espaço intra-urbano. In: CARLOS, Ana Fani. (Org). **Ensaio de Geografia Contemporânea Milton Santos**: obra revisitada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Hucitec: Imprensa Oficial do Estado, 2001.